Universidade de Ribeirão Preto
Jornalismo

Stéphane Aurea Ferreira Teles

LIVRO-REPORTAGEM: DISTRIBUINDO MEMÓRIAS – A HISTÓRIA DE RIBEIRÃO PRETO SOB O OLHAR DOS IDOSOS

RIBEIRÃO PRETO
2020

Stéphane Aurea Ferreira Teles

Livro-reportagem: Distribuindo memórias – A história de Ribeirão Preto sob o olhar dos idosos

Projeto de produto midiático apresentado à Universidade de Ribeirão Preto UNAERP, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Murilo Pinheiro

Ribeirão Preto

2020

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Teles, Stéphane Áurea Ferreira, 1997-
T269d Distribuindo Memórias: a história de Ribeirão Preto sob o olhar dos idosos / Stéphane Áurea Ferreira Teles. – Ribeirão Preto, 2020.
53 f.: il. color.

Orientador: Prof. Me Murilo Pinheiro.

Monografia (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP, Jornalismo. Ribeirão Preto, 2020.

1. Idosos - Ribeirão Preto. 2. Registro. 3. Memória. 4. Ribeirão Preto - História. I. Título.

CDD 070

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO 4
2. DETALHAMENTO TÉCNICO 5
2.1 CARACTERISTICAS DO PRODUTO 5
2.2 PÚBLICO ALVO 6
2.3 ENTREVISTADOS 6
2.4 LINGUAGEM 7
3. SINÓPSE 7
4. ROTEIRO 8
4.1 Capítulo 1 8
4.2 Capítulo 2 8
4.3 Capítulo 3 8
4.4 Capítulo 4 9
4.5 Capítulo 5 9
4.6 Capítulo 6 9
5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO 9
6. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO 10
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 15
8. ELEMENTOS PÓS TEXTUAIS 15
8.1 Anexos 15
8.2 Apêndices 20
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 53

1. APRESENTAÇÃO

Em 2020, Ribeirão Preto completou 164 anos de fundação. Pela ordem natural da vida, onde se nasce, se cresce, se reproduz e morre, ao selecionar idosos com mais de 80 anos, será produzido um livro-reportagem com conteúdo histórico das últimas décadas, antes de completar o centésimo aniversário da cidade a partir de memórias individuais.

Uma vez que os registros históricos estão se perdendo em catástrofes, como a queima de museus, e suas considerações se basearem predominantemente de dados coletados em pesquisas e assimilados de forma científica, o presente projeto propõe um aprofundamento das histórias, partindo de um olhar diferente, de pessoas que vivenciaram a época e que se adaptaram às mudanças temporais.

Através dos relatos de idosos com mais de 80 anos, o livro reportagem produziu um registro histórico da vida desses moradores da cidade e a forma com que essas vivencias entrelaçam com a história de Ribeirão Preto.

De acordo com Rocha e Xavier, o livro-reportagem está associado um campo de conhecimento dentro da comunicação, pertencente às Ciências Sociais Aplicadas.

> Considera-se um livro-reportagem quando uma obra trata de acontecimentos ou de fenômenos reais e utiliza, para sua produção, procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem, contudo, descartar certa nuances literárias.” (Rocha; Xavier; 2013).

Relacionado ao jornalismo, é importante ressaltar os aspectos similares no processo de produção de notícia e de um livro-reportagem. Para Rocha e Xavier, o acontecimento e sua atualidade são aspectos de fácil identificação na produção do produto e as pesquisadoras ressaltam que o jornalista deve buscar o conhecimento a partir de uma unidade, observando a notícia em seu potencial de modificação da estrutura.

Para Lima (2009), os profissionais de jornalismo escolhem o gênero livro-reportagem quando querem se aprofundar em determinado assunto e não veem a possibilidade de realizar nos veículos usais de jornalismo.

Portanto, o livro-reportagem precisa ter um grau sem o mais aprofundado de pesquisa e de apuração dos fatos, de modo que informe, envolva e entretenha o público, com um texto verídico com características da literatura. (Oliveira, 2006).

Ainda segundo Oliveira (2006), é necessário criar essa relação entre o jornalismo e a literatura, de modo a construir um texto real e atrativo aos leitores. A pesquisadora conclui que a relação precisa ser híbrida entre os gêneros e essa composição textual ressalta a essência de uma verdadeira reportagem.

O projeto terá como base a memória oral que, segundo Schmidt e Mahfoud

(1993), a psicologia social usa essa abordagem como forma de análise das experiências do indivíduo no contexto sociocultural. Através do relato oral, é possível identificar elementos que tornam a história singular, pontuam os pesquisadores.

Estabelecendo a relação entre o factual e a literatura através de figuras humanas e histórias de vida, o livro-reportagem recordará os cem primeiros anos de Ribeirão Preto através das experiências e lembranças de idosos, com idade acima de 80 anos, que sejam nascidos ou residentes dentro do período determinado.

De acordo com Gigante (2018), a memória é uma forma de guardar as experiências para consultas futuras, sendo a principal base de relacionamento entre sujeito e o tempo.

Para Simson (2003), por meio da memória é possível reter os fatos e retransmiti-los por diferentes suportes, como a voz, imagem e textos.

> Existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere as suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado. (Simson, 2003).

Os entrevistados do livro serão idosos com idade acima de 80 anos, e que sejam residentes dos bairros mais conhecidos da cidade, como o Ipiranga, Vila Tibério, Campos Elíseos e Vila Virgínia.

No que se refere à memória, Simson também ressalta a memória coletiva, que é a formada por fatos considerados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla.

2. DETALHAMENTO TÉCNICO

2.1 CARACTERISTICAS DO PRODUTO

O livro-reportagem será mais uma forma de manter viva essa história de Ribeirão Preto a partir de um registro de memória. Os relatos de vivência são a base do livro, pois aumentam a possibilidade de despertar o interesse dos leitores, além de realizar um resgate histórico.

De acordo com Miranda (2019), independente do contexto, ambiente e pessoas que o indivíduo partilhe as experiências, a memória individual sempre será relativa.

Além disso, pela ordem natural da vida, existem poucas pessoas ainda vivas que desfrutaram de Ribeirão Preto em seus primeiros anos, com isso, caso o livro não fosse realizado, essas memórias se perderiam e não teriam seus devidos registros.

O livro será impresso com capa dura e uma foto do olhar de um idoso, a fim de expor a sensibilidade artística da obra. Na capa, a delimitação geográfica da cidade é desenhada no canto inferior direito.

O registro contém 101 páginas, com o contexto histórico, relatos dos idosos, e contendo também imagens marcantes da época e as fotos antigas dos entrevistados.

2.2 PÚBLICO ALVO

O público alvo deste livro são os moradores de Ribeirão Preto. No que se refere à faixa etária, o principal grupo pretendido a ser atingido é de 80+, que através da leitura poderão se identificar com o tempo mencionado nas histórias relatadas, além de realizar o resgate de memória. É possível também que adolescentes, ao estudarem a fundação da cidade, adotem o livro como meio alternativo para obter informações, além do modo convencional, registros usuais.

2.3 ENTREVISTADOS

Foram selecionados idosos residentes em Ribeirão Preto que vivenciaram os primeiros 100 anos de história da cidade. Os critérios de escolha dos entrevistados foram: ter idade acima de 80 anos e lembranças dos primeiros anos da cidade de Ribeirão Preto e suas mudanças até os dias atuais. Os relatos foram colhidos presencialmente, através de entrevistas com os idosos acerca da sua trajetória na cidade e as mudanças nos espaços públicos.

Entre as opções de fontes, foi selecionada a acordeonista Gilda Montans, de 82 anos, nascida em Altinópolis, mas que se mudou para Ribeirão Preto para realizar os estudos. A artista teve participação ativa no desenvolvimento do setor cultural da cidade, foi docente e musicista durante sua trajetória. Gilda participou de

uma das manifestações que deram visibilidade para que fosse realizada a restauração do Theatro Pedro II, símbolo icônico de cultura na cidade.

Além dela, foi realizada uma entrevista com Israel Silva, idoso de 94 anos, que acompanhou de perto as mudanças e a urbanização da cidade. O entrevistado nasceu e cresceu em Ribeirão Preto. Parte da sua história aconteceu na praça XV de Novembro e no bairro Vila Tibério e, nesses espaços, acumulou histórias de amor e memórias.

A terceira fonte do projeto foi Nair Serrano Dias, uma idosa de 91 anos, filha dos primeiros imigrantes de Ribeirão Preto. A idosa se mudou para a cidade para viver e trabalhar com a madrinha na loja de louças, na Rua General Osório e, desta experiência, viu de perto a alta sociedade ribeirão-pretana nos momentos de glória dos recursos provindos das lavouras de café. Quando se casou, mudou para o Campos Elíseos, e lá acompanhou o crescimento urbano do bairro.

2.4 LINGUAGEM

A temática de registro histórico de Ribeirão Preto foi abordada através de um livro-reportagem. O produto apresenta relatos de idosos, imagens antigas da cidade, bem como registros desses personagens no período em análise.

A intenção é que os leitores tenham um guia prático de como eram os primeiros anos de Ribeirão Preto através de imagens e uma contextualização histórica do tempo em questão.

Com uma visão singular de quem vivenciou a época, o livro aborda questões culturais, urbanas e sobre a arquitetura. Através de uma linguagem literária, conta a história de vida dos entrevistados e tem a cidade como o local de acontecimentos dessas experiências.

3. SINÓPSE

Para conhecer a história de Ribeirão Preto basta procurar nos livros e encontrar os registros, com fotos, datas e descrição da época. Melhor do que ler essas descrições feitas pelas grandes personalidades da cidade é saber das histórias de pessoas comuns e que vivenciaram de uma forma bem singular cada momento.

O livro propõe uma viagem no tempo com pessoas comuns, que tiveram destaque na história de Ribeirão Preto de forma indireta e que viveram intensamente esse passado e suas mudanças.

Da vivencia dos tempos gloriosos da considerada “Pequena Paris” até a decadência dos recursos provindos do café, personagens reais relataram como suas histórias se entrelaçam e compõem a história de da cidade.

4. ROTEIRO

O nome do livro foi escolhido durante uma das entrevistas realizadas, onde a fonte Nair Serrano Dias comentou que, distribuiu todos os trabalhos e objetos de lembrança que tinha dos primeiros anos de vida, sendo assim, distribuindo memórias. As entrevistas foram realizadas em ambientes confortáveis para os idosos, de modo que eles se sentissem à vontade para narrar suas histórias e vivências.

4.1 Capítulo 1

O primeiro capítulo do livro será uma introdução à história da cidade, contando suas mudanças e primeiros anos na urbanização da cidade. Foi ressaltado a forma que se deu a fundação da cidade, o crescimento urbano, e as principais características dos primeiros cem anos de Ribeirão Preto. Também haverá descrição das grandes construções e dos projetos arquitetônicos.

4.2 Capítulo 2

O segundo capítulo faz a contextualização das memórias culturais da cidade. Desde as grandes construções até a falta de investimento no setor, o capítulo conta as histórias que fizeram a diferença na cidade.

O principal desta está para o Theatro Pedro II e o Teatro Carlos Gomes, as primeiras casas de shows da cidade.

4.3 Capítulo 3

O primeiro setor a ser abordado no livro pela perspectiva singular e subjetiva será a da urbanização, por Israel da Silva. A abordagem revela como era nos primeiros anos e como aconteceram as mudanças na cidade. Sob o enfoque do

sentimento, foi abordado como era para o idoso viver naquele tempo, bem como suas dificuldades, tempos de lutas e realizações em Ribeirão Preto.

4.4 Capítulo 4

Além dos avanços na urbanização, Ribeirão Preto é nacionalmente conhecida como um polo cultural. Durante a história, o setor passou por grandes transformações, desde a construção de teatros, incêndio, corte de verbas e abertura de projetos culturais. Este capítulo foi desenvolvido com relatos de uma das principais musicistas da cidade, Gilda Montans, que vivenciou e fez parte do desenvolvimento dessa área na cidade.

4.5 Capítulo 5

O quinto capítulo foi composto por relatos de Nair Serrano Dias, e suas experiências mesclam entre o cultural e urbano de Ribeirão Preto. As histórias abordam as vivências da mulher no centro da cidade, na época dos grandes investimentos provindo do café e o desenvolvimento do bairro tradicional da cidade, o Campos Elíseos.

4.6 Capítulo 6

O sexto capítulo trata-se de uma conclusão referente às histórias mencionadas no livro. Após as entrevistas, foi identificado uma relação próxima entre os entrevistados que foram escolhidos de forma aleatória. No capítulo, essa relação é explicada.

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

AGOSTO	• Seleção dos entrevistados
SETEMBRO	• Pesquisa acerca da história de Ribeirão Preto • Entrevista Israel da Silva e Gilda Montans e Nair Dias
OUTUBRO	• Decupagem das entrevistas com Israel da Silva, Nair Serrano e Gilda Montans

	• Escrita do capítulo 1 ao 3
NOVEMBRO	• Reescrita do capítulo 1 ao 3 • Escrita do capítulo 4 ao 6 • Revisão do trabalho • Diagramação • Elaboração do relatório final da atividade

6. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

Sempre acreditei que antes de morrer eu deveria escrever um livro, independente da temática. Desde que estipulei isto como meta, meu desejo era produzir algo que refletisse quem eu sou através da minha escrita. Escrever sempre foi minha paixão e, através deste trabalho de conclusão de curso, realizei um sonho.

O processo de conclusão não foi fácil. Ingressar em uma faculdade se tornou um fardo, visto que desde os primeiros anos tive que conciliar os cuidados com a saúde do meu avô com os ensinamentos acadêmicos que o curso de jornalismo me proporcionava. De situações sem relação alguma, com o livro-reportagem, consegui produzir uma só coisa.

Desde pequena era apaixonada por ouvir histórias, principalmente daqueles que já viveram muitos anos e que possuem um conhecimento prático que dificilmente se encontra nos livros. Minha maior inspiração para esta produção foi o meu avô, Deusmar, que me contava histórias quando pequena e me deixa deslumbrada com uma Ribeirão Preto que eu sequer imaginava que existia.

Após o seu adoecimento em 2016, eu não quis mais apenas ouvir histórias, o fato de não ter os registros das coisas que ele me contava me motivou a querer registrar as experiências alheias como forma de materializar as lembranças.

No segundo ano da faculdade, quando estava produzindo uma reportagem para a disciplina de TV, fui a campo para captar imagens e relatos sobre cuidados paliativos. Escolhi a praça XV de Novembro, em Ribeirão Preto, como local para encontrar essas fontes. Enquanto abordava quem passava pela praça, um senhor de bengala, óculos escuros e chapéu me chamou, motivado por sua curiosidade.

Quando expliquei a pauta para ele, prontamente respondeu as questões que precisava para o trabalho e resolveu estender o papo. Seu nome é Israel da Silva, a primeira fonte do livro “Distribuindo Memórias – A história de Ribeirão Preto sob o olhar dos idosos”.

Em nossa conversa, o idoso começou a contar a história de como era a praça XV em seus primeiros anos, desde a forma que os bancos ficavam distribuídos até a arborização e pessoas que frequentavam o espaço. Encantada com a narrativa que o idoso me contou, vi um potencial de registro, mas ainda não tinha ideia de como fazê-lo. Durante a faculdade, Israel da Silva e seus amigos sempre estiveram presentes em minhas sugestões de pauta, eu sentia que precisava produzir algo para eternizar a memória daqueles homens que se reúnem todos os dias pela manhã no centro da cidade. Assim como as memórias do meu avô que foram apagadas e não tiveram o seu devido registro, diante do carinho que recebi e dei para o grupo de idosos me senti na obrigação de não deixar que caísse no esquecimento, visto que são parte de toda a construção histórica da cidade, mesmo que não fosse de forma expressiva.

De tanto sugerir pautas sobre idosos, me lembro das reuniões informais que tinha com o prof. Rafael Reis, onde comentava com ele a minha paixão por escrever histórias e, principalmente, escrever as vivencias de idosos. Sempre acreditei no pressuposto de que tempo é história e história são vivências. Todo indivíduo, em sua particularidade, tem um história para contar, seja ela feliz ou não.

Além do Rafael Reis, conversei com a Profa. Flávia Martelli. Meu desejo e medo de perder mais uma oportunidade de registrar histórias pelo fator falta de saúde e morte era tamanho que, diante da falta de possibilidade de execução dessa ideia nas atividades curriculares, me propus a fazer um projeto individual e particular. Nesse momento, entrei em contato com a professora Flávia, e comentei com ela essa minha vontade e, de repente, realizar a produção de um documentário sobre o grupo de idosos que ficavam prontamente na praça pelas manhãs. Nossa conversa não poderia ter sido melhor. Diante da minha vontade, Flávia deu sentido ao que pretendia realizar. O projeto de produção histórica poderia ser feito em livro-reportagem para o trabalho de conclusão de curso. Em momento algum essa ideia passou pela minha cabeça e, de uma conversa em busca de orientações básicas, encontrei o sentido que tanto procurava para o meu desejo.

Logo no segundo ano de faculdade eu já tinha determinado o que faria de produção para concluir a faculdade. Durante o processo, antes mesmo de começar a produzir o livro, estreitei relação com o grupo de idosos e, durante as nossas conversas, aplicava as técnicas jornalísticas de entrevista. As conversas com os idosos acontecem de uma forma singular, é necessária uma atenção aos detalhes e uma escuta atenta. Muitas vezes, o rumo da conversa pode mudar, mas é papel do jornalista captar a informação na sua forma mais pura e real. As aulas com Murilo Pinheiro e Elivanete Barbi foram essenciais para o meu adquirir dessas técnicas enquanto jornalista.

Lembro-me com detalhes de todas as vezes que os professores da área mencionavam a necessário do distanciamento emocional com a fonte. Entrevistar e produzir algo com conhecidos acarreta carga emocional e, para a execução jornalística pode ser algo negativo. Durante a faculdade discordei dessa postura, em meu estado de aprendiz inexperiente acreditava que isso não era verdade e que a produção independia dessas questões. No último semestre, vi que sempre estive errada e que meus mentores estavam mais que corretos nas orientações.

Conforme mencionado acima, a vontade de contar e registrar histórias veio por influência do meu avô. Assim como ele, queria me tornar uma contadora de história e mestre de muitas obras da cidade de Ribeirão Preto. Embora eu não pudesse o entrevistar para o livro, apenas pelo fato dele já ter perdido a fala quando comecei a produzir, ele sempre foi a minha maior motivação.

Este livro-reportagem não se trata apenas de um trabalho de conclusão de curso, seria um presente e algo que queria que meu avô se orgulhasse. Assim que comecei a produzir o livro, em agosto, meu avô veio a óbito. Acredito que nada é por acaso, a temática que me fez encontrar a primeira fonte do livro foi a que vivenciei com meu avô, cuidados paliativos. Sob esses cuidados, me despedi dele no dia 13 de agosto e, junto dele, todo a minha inspiração se foi. Nesse momento aprendi a lição de que realmente é necessário um distanciamento afetivo.

O processo que antes me dava prazer, começou a ser doloroso. Parei de encontrar os amigos idosos da praça, bem como parei de escrever. Sentava diante o computador e não saia uma única palavra. Eu não me sentia no direito de escrever algo que estava totalmente ligado a ele. Quando ele estava doente, diante de todo o sofrimento, nós mostrávamos a ele o quanto o amava e isso o motiva a continuar

lutando para viver. Em vida, ele me ensinava que toda a dor deveria ser transformada em amor e, este livro é a materialização disso. Minha dor se transformou em amor por meio das palavras.

Dificilmente consigo relatar a construção deste livro sem mencionar a figura e importância dele. Como disse, não se trata apenas de um trabalho de conclusão de curso.

Voltando ao elaborar do livro, me forcei a não desistir. Tentei encarar a proposta como um memorial dos ensinamentos de vida que ele me passou, bem como os saberes e técnicas que os docentes do curso de jornalismo transmitiam em todas as aulas.

Entrevistar Israel me remetia às conversas que tinha sobre as grandes construções da cidade. Com Gilda, a conversa mais soava como uma viagem no tempo, em que minha curiosidade pelo saber da cultura de ribeirão-pretana me deixava deslumbrada quando pequena. Já com Nair, o bate-papo reforçava o motivo pelo qual escolhi produzir um registro histórico, as lembranças da idosa já não estavam tão claras, eram ativadas apenas com música clássica ao fundo, com isso, o registras as lembranças dela era uma forma de não esquecer.

Para o livro, realizei duas visitas com os entrevistados. A primeira conduzi como um bate-papo, afim de deixá-los livres para contar suas experiências e histórias de vida. Nas aulas de técnicas de reportagem, o prof. Murilo Pinheiro sempre dava ênfase na importância de conquistar a confiança da sua fonte e ter uma escuta atenta aos detalhes, e assim fiz. O segundo encontro, ainda em tom de bate-papo, eu levei questões mais específicas que precisava abordar no livro. Todos os dias que me encontrava com as fontes, após as entrevistas, me encontrava aos prantos. Chorava sem parar por sentar em frente ao computar e não conseguir transcrever as emoções e histórias que me contaram. Foram dias desesperadores e desmotivadores.

Nos meses de agosto, setembro e outubro, elaborei apenas as entrevistas e escrevi três capítulos, os quais exclui e reescrevi mais tarde. Foram meses difíceis e que cheguei a pensar em desistir, foi a primeira vez que me deparei com um real bloqueio criativo. Me mantive firme no propósito de construção e, em novembro, me dediquei exclusivamente a produção desse registro. O livro foi escrito e diagramado em, praticamente, duas semanas.

Embora ainda estivesse em processo de luto, transformando dor em amor, consegui transcrever com a sensibilidade artística e literária as histórias de vidas dos idosos que participaram do registro, histórias essas que compõem o desenvolvimento de Ribeirão Preto, cidade que também sou apaixonada.

Durante a diagramação do livro, todas as técnicas que aprendi com o Prof. João Flávio foram colocadas em práticas. Até mesmo aquelas que eu imaginei que nunca usaria, mas que para a diagramação do livro foram necessárias. Nesse último contato, vi o quão importante foram as aulas e, talvez, se eu tivesse essa maturidade antes, eu teria as aproveitado melhor.

Analisando a fundo a construção do livro, ao conversar com idosos, muitas técnicas que usávamos nas aulas de rádio, coloquei em prática com os entrevistados. O uso de palavras simples e que transmitem a informação desejada de forma de clara e objetiva, sem a necessidade de repetição, fez com que eu estabelecesse uma relação com esses idosos. Durante o desafio, as diferenças entre gerações poderiam atrapalhar o processo, mas sempre me lembrava das aulas do Gil Santiago, que mencionava a importância da objetividade e clareza. Assim como as aulas de rádio me auxiliaram em um processo que não estava diretamente relacionada à área, as aulas com a Daniela Tincani me ajudaram no momento de estruturar o livro e dar forma à mensagem que eu queria passar. Diante das normas e orientações, consegui criar uma estrutura coesa da história de Ribeirão Preto. As aulas de semiótica e de teorias de comunicação também foram essenciais para a construção do livro, onde eu aplicava os conselhos de um olhar em busca do significado das coisas que a Tania Cosci passava, bem como aplicava as teorias da comunicação no escrever deste livro, assim como Naiá Sadi orientava. Por último e não menos importante, sou grata por todas as aulas que tive com o César Mulatti, que me ensinou técnicas de como, através de imagens, transmitir sentimentos e história. O livro contém muitas imagens e todas foram selecionadas cuidadosamente, assim como em aula o prof. Cesar orientava para transmitir uma mensagem através da linguagem da fotografia.

Com a finalização do projeto, me sinto orgulhosa do resultado. Não saiu como imaginava, saiu ainda melhor. Com a paciência e orientação do prof. Murilo, o meu sentimento diante de tudo isso é o de superação e dever cumprido. Superei a carga

emocional que me bloqueava, realizei um sonho e eternizei no papel as lembranças dos bons e maus tempos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Livro-reportagem “Distribuindo memórias – A história de Ribeirão Preto sob o olhar dos idosos” teve como objetivo produzir uma forma diferente de registro histórico, apresentando memórias individuais, relativas e subjetivas de cada indivíduo.

O produto descreveu as mudanças da cidade dos últimos 100 anos, extraindo memórias afetivas dos moradores com mais de 80 anos de idade. Além do registro histórico de Ribeirão Preto, o livro irá documentou a história de vida dos personagens entrevistados.

Partindo dos relatos orais, o livro trouxe pontos relevantes da história que ainda não foram mencionados e que apresentam uma angulação subjetiva de cada personagem.

Após a realização de pesquisas sobre as possíveis temáticas que envolveriam Ribeirão Preto como tema principal, descobriu-se que poucos os registros históricos produzidos a partir da memória individual.

8. ELEMENTOS PÓS TEXTUAIS

8.1 Anexos

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto · Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Nair Serrano Dias, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Stephane A. F. Neles, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Distribuindo Memórias e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Murilo Pinheiro

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 24 de Novembro de 2020.

Assinatura: Nair S. Dias

UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

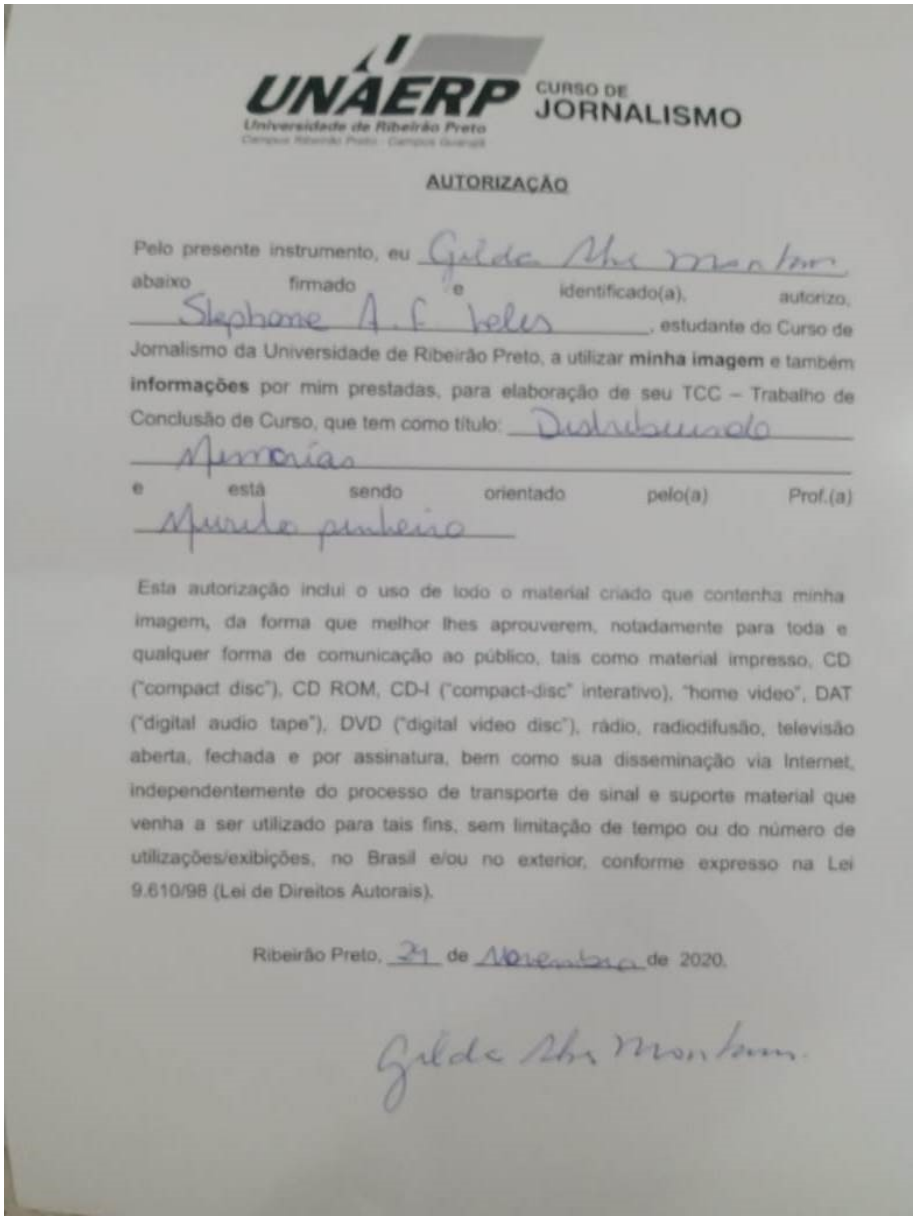
Pelo presente instrumento, eu Israel da Silva, abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Stephane Aureo Ferreira Lelis, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Distribuindo Memorias

e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Murilo Pinheiro

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 25 de novembro de 2020.

Assinatura: _____



UNAERP Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

CURSO DE JORNALISMO

AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu Gilda Aparecida Martins abaixo firmado e identificado(a), autorizo, Stephane A. F. Teles, estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto, a utilizar **minha imagem** e também **informações** por mim prestadas, para elaboração de seu TCC – Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título: Desabusado Memórias e está sendo orientado pelo(a) Prof.(a) Murilo Pinheiro

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem, da forma que melhor lhes aprouverem, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digital video disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Ribeirão Preto, 21 de Novembro de 2020.

Gilda Aparecida Martins

8.2 Apêndices

Decupagem entrevista com Israel da Silva

Arquivo (áudio 1)

Israel: Ali na na Sergipe e hoje essa fábrica está lá em Brodowski, eu fui trabalhar lá eu já tinha uns 12 anos...pra subir aquela rua era terra, cheio de buraco ali, hoje e tudo bonito.

Stephane: Eu vou subir com o senhor lá com o meu carro.

Desconhecido: A vantagem dele, eu sempre viajei mas nunca documentei nada, ele sempre gostou dessas coisas, de tirar foto e eu nunca fui assim. Hoje eu me arrependo.

Israel: Os prefeitos de Ribeirão Preto.

Stephane: O senhor conheceu todos, quase?

Israel: Conheci todos os prefeitos de Ribeirão, conheci também todos os presidentes da república.

Stephane: Eu conheço a bisneta do costabile romano.

Israel: Costabile, ele era meu amigo votei todas as vezes nele, foi um dos grandes prefeitos de Ribeirão.

Stephane: Ele fez muita coisa aqui?

Israel: Ele pegou tinha uma rodoviária ali, onde ta o bombeiro lá a rodoviária estava no meio da rua, não tinha aquele negócio de fogo lá, ai veio o mercado ele que fez o mercadão lá. Na avenida independência não existia, quem fez foi ele também, da Francisco Junqueira pra cima. E depois o Gasparini fez o restante, ali pra cima as 7 capelas.

Stephane: E o mercadão ali quando abriu o senhor ia bastante? Como que era? Era do jeito que é hoje?

Israel: Mesma coisa, tinha mais diversidade, tinha mais frutaria hoje aquelas loja de sapato lá não existia. Tem uma porta ali que era uma porta inteirinha de sapataria, não tinha era lojinha, quando começou foi avisado pros antigos lojistas ali de preferência, então tinha muita lojinha ali.

Stephane: No começo era mais fruta, comida né que vendia.

Israel: Era diferente né, muita fruta, tinha açougue ele ainda conserva alguns antigos ali, mas o resto é tudo gente diferente ali.

Stephane: E de futebol, o senhor gosta de futebol, não gosta..

Israel: E muito, eu sou botafoguense.

Stephane: Ah o senhor é botafoguense...

Israel: Eu sou botafogo.

Stephane: Ah então o senhor viu fundar o time, viu tudo.

Israel: Claro eu morava ali do lado né.

Stephane: Do ladinho de casa.

Israel: Ia lá no campo.

Stephane: E o senhor gostava, como que era? O senhor participou ativamente nessa parte de futebol, porque Ribeirão Preto né.

Israel: Eu participei mais do clube de resgate.

Stephane: Ah sim, que fez muita história aqui em Ribeirão né seu Israel?

Israel: Parece né

Stephane: Muito tradicional.

Israel: Parece né (risos)Histórias benéficas né.

Stephane: Sim sim.

Israel: Vou fazer um cafezinho pra ela.

Stephane: Ei seu Israel, hoje vou aceitar um cafezinho do senhor.

Stephane: Ele estava contado que o pai do senhor mexia as fardas.

Desconhecido: Da guarda civil, cinema era gala né, sapato acho que era polen né, tinha uma parte aqui embaixo no centro de São Paulo que você só entrava de terno, ai tinha a parte de cima, centenário só entrava de terno.

Stephane: Ei seu Israel, o senhor sabe que eu passei minha vida inteira morando aqui. Olha como é as coisas seu Israel, eu nunca tinha vindo aqui, eu só descobri que é única aqui por causa do senhor e olha que eu passava aqui direto e eu não sabia que tinha história nesse lugar.

Israel: Aqui era a rondonelis (6:610)

Stephane: Que legal, e o senhor pegou todas essas fases né.

Israel: É aqui era a rondonelis.

Stephane: E hoje não existe mais né?

Israel: Acabaram com a cidade, acabaram com tudo aqui.

To falando pra você a cidade está sem vida.

Stephane: Mas são pessoas como você que mantem a cidade viva e isso é bom.

Israel: Mas eu não vou viver toda vida né.

Stephane: Mas agora eu estou escrevendo um livro e vai ficar tudo registrado a memória do senhor.

Israel: (risos)

Stephane: (risos) Vai ficar tudo registrado.

Israel: Mas eu não contei pra você que eu conheci a Margarete.

Stephane: Não, quem que é?

Israel: Ela é patroa.

Stephane: O senhor conheceu ela novinha também.

Israel: Trabalhava aqui a mais de 10 anos. Ela morreu de câncer, faleceu com 42 anos (8:8.13)

Stephane: Vou fazer companhia pro senhor, seu Israel.

Israel: E que companhia.

Stephane: E tem bastante loja pra cá né, cresceu demais.

Israel: (9.8:9.20)

Stephane: O senhor tem quantos filhos seu Israel?

Israel: 2.

Stephane: E eles moram aqui?

Israel: Meu filho hoje mora na chácara, comprou ali do lado do beira rio.

Stephane: Quantos anos ele tem?

Israel: 55 minha filha está com 67 anos.

Stephane: Nossa seu Israel (risos).

Israel: É ué eu to com 93.

Stephane: E o senhor tem bastante neto?

Israel: Neto eu tenho 5, bisneto eu tenho 8, eu já tenho bisneta com 23 anos.

Stephane: Eu sou mais nova que ela.

Israel: 23 anos a bisneta, ta namorando vai casar agora mês que vem.

Stephane: Que legal seu Israel. O senhor é um patrimônio pra cidade.

Jaja eu tenho que ir mas eu to muito feliz de estar aqui com o senhor, cada dia que eu venho é uma história diferente.

E o seu Gabriel ta lá pra...

Israel: Está lá em Itapiratiba.

Stephane: E ele está bem, o senhor tem falado com ele?

Israel: Eu falo com ele sempre, ta chegando meu aniversário também.

Stephane: Ta chegando né.

Israel: Dia 5 agora, 5 de Dezembro, meu amigo fez 106 anos.

Stephane: Olha 1066 anos é muita coisa, mas é muito bom isso.

Israel: 106 e ele esta lucido.

Stephane: Lucido demais, exato.

Esse final de semana eu fui para a cidade que era do meu vô, lá em Ponte Alta, já ouviu falar? Ele era de lá, ai meu vô vivia contando história também igual o

senhor, o senhor lembra muito meu vô e fomos pra lá fiquei lá e quando voltou eu estava conversando com a minha mãe, nós falamos o quanto vocês que são mais velhos tem história rica de vida e o quanto vocês são lúcidos, as vezes o corpo envelhece mas a cabeça não.

Israel: Graças a Deus a minha memória é perfeita.

Stephane: Porque a cabeça de vocês são muito boa.

Israel: Ó eu uso óculos só para enxergar, tudo em mim funciona perfeitamente, então se me der uma parada cardíaca ele cuida dela. E o amigo de 106 anos ele toma remédio pra pressão.

Stephane: Então pro senhor ver a questão é mais do corpo, não é cabeça, a cabeça vocês estão bom demais.

Israel: O problema dele é as pernas dele.

Stephane: Andou demais né (risos).

Israel: Ele vinha de carro aqui ai vendeu o carro, parou de vim aqui, ai ele vinha de ônibus ai eles proibiram ele de vim de ônibus ai ele veio de taxi, ai hoje ele arrumou um companheiro os filhos colocaram ele lá.

Stephane: Ai é bom que eles conversam. Eu fico boba de ver o senhor dirigindo.

Israel: (risos)

Stephane: O senhor vai pra todo lado, se o povo perguntar sua idade e você falar, eles vão falar não é possível.

Israel: Até o ano que vem eu ainda tenho a carta.

Stephane: Depois não pode renovar mais?

Israel: Vamos vê né eu vou lá, quando fui pra tirar carta ali no Poupatempo, ai cheguei la ai esperei o médico, quando vi era o que tinha me examinado a mês atrás e ele perguntou o que eu estava fazendo ali.

Stephane: E o senhor gosta de dirigir aqueles carro antigo?

Israel: Eu gosto, eu tirei carta em 1958, o exame era feito ali na...

Stephane: AI que legal.

Israel: E essa aqui é minha querida, hoje está fazendo 8 anos que ela faleceu.

Stephane: Nossa ela era bonita né.

Israel: Por isso que eu fui la tomar um sorvete com ela, nunca mais nós nos separamos.

Stephane: Foi um amor de verdade né.

Israel: namorei quase 8 anos e fui casado com ela 63 anos.

Stephane: Eu espero um dia arrumar um amor assim.

Israel: Até hoje eu tenho a aliança dela, desde que ela faleceu eu não parei um minuto

Arquivo (áudio 3)

Stephane: O senhor veio correndo, ein?

Israel: Ein?

Stephane: O senhor veio correndo..

Israel: Não vim correndo, eu "tô"… sou bem acelerado

Stephane: Ta acelerado hoje?

Israel: É?

Stephane: Tomou muito café, né seu Israel?

Israel: Tomei café em casa… Em casa eu almoço, né?

Stephane: Aham…

Israel: Eu como minha fruta, meu queijinho, leite, pão...

Stephane: ai vem aqui e toma mais café?

Israel: aqui é café dos amigos

Stephane: ah é o café dos amigos… Ah entendi. Ai seu Israel… Falta tão pouco pra eu terminar esse livro.

Israel: Então "vamo" ver o que você quer que eu falo.

Stephane: Vish, eu vou ter que vir aqui várias vezes pra falar com o senhor

Israel: ah é?

Stephane: é

Israel: ah bom é, é um prazer

(risos)

Israel: é um prazer meu.

Stephane: O senhor está com 95 anos, né?

Israel: não, vou fazer 94.

vou fazer dia 5 de dezembro, se Deus quiser...

Stephane: 5 de dezembro...ta chegando, ta chegando…

Israel: Ta chegando, é…

Stephane: Ah, logo menos

Israel: Mas quem sabe é o mestre, não sou eu.

Stephane: É verdade (risos)

Israel: ele é que dá o veredicto

Stephane: Ele que dá o veredicto.

Israel: Eu trouxe pra recordar, eu trouxe meus 3 livros da história de Ribeirão

Stephane: o senhor trouxe?

Israel: Trouxe, tá comigo aqui. Pra você tirar o que você quer

Stephane: ai, o senhor é maravilhoso demais.

Israel: ó, eu vou te mostrar… Quem me deu foi o Antônio Tortel. Ele é lá da ele é lá da academia Ribeirão Pretana de letras.

Stephane: Aham..

Israel: Ta aqui ó, deixa eu pegar...

Stephane: e o senhor vem todo dia dirigindo, né seu Israel?

Israel: É, vamos lá. Você vai ler coisas aqui. Vamos lá.

Stephane: Vamos lá.

Stephane: E aqui pode estacionar todo dia? Até as 9 né?

Israel: Até as 10 horas.

Stephane: Até as 10.. Não, vamos marcar todo dia aqui então. Eu venho aqui pra gente conversar… O ponto do senhor, que é do ladinho do carro. Pra você ter uma ideia ó, eu to gravando só pra eu escrever depois, ta seu Israel?

Israel: Hãn?

Stephane: Eu to gravando aqui só pra eu ouvir depois.

Israel: Ta bom. Aqui ó.

Stephane: Olha! Tem até dedicatória.

Israel: Não, é… é da academia brasileira de letras…

Stephane: Aham.

Israel: Foi ele que me deu. Aqui ó.

Stephane: Que legal, seu Israel

Israel: Esse aqui o Toten que me deu isso aqui. Se você quer aqui…

Stephane: Aham…

Israel: Ta tudo aí.

Stephane: Que legal!

Israel: Esse aqui… sabe o que que é esse aqui? Esse aqui era hsaushausha

Stephane: Nossa, que legal!

Israel: Esse aqui é… nesse prédio aqui é o palácio do rádio

Stephane: aham.

Israel: E era a coisa mais linda. Eu fiz várias entrevistas aqui. Aqui tudo em cima era estúdio. Completamente, sem som. E aqui era o auditório. Isso aqui era o xodó do Bueno. Ele que fez isso aqui.

Stephane: Aham…

Israel: Ta vendo? Hoje é isso aqui, ó..

Stephane: Nem mais isso, agora mudou…

Agora é uma sorveteria lá, né?

Israel: Não, mudou… Já venderam tudo…

Stephane: Já venderam, é…

Israel: Quem comprou aqui foi uma entidade… é… dos crentes. Ai modificou tudo.

Stephane: Aham…

Israel: Ai.. Antes e depois. Você quer dar uma olhada antes de nós conversamos?

Stephane: Eu quero…

Israel: Você vai ver aonde era o coreto. E aqui, ó…

Stephane: Aham.

Israel: Olha o que que era…

Stephane: Era é a igreja, né seu Sebastião?

Israel: Depois caiu… Ficou só a pedrinha.

Stephane: Aham…

Israel: Caiu com o tempo… Aqui atrás.. Pra lá, era o primeiro cemitério de Ribeirão. Eu via muita criança, depois é que passou lá pra cima.

Stephane: Aham..

Primeiro caiu as duas torres?

Israel: Tempestade…

Isso aqui foi feito com barro, né?

Stephane: Aham.

Israel: E tinha uma técnica perfeita. E ai, ficou só a capela. Capela de São Sebastião.

Stephane: E o senhor chegou a ver essa capela?

Israel: Divina, essa capela depois foi reformada em 1944.

Stephane: Aham… O senhor chegou a frequentar ela, ou não?

Israel: Cheguei, eu era moleque. Vinha aqui uai.

Stephane: É? E como que era essa capela por dentro?

Israel: É… Pequenininha. Era coisinha simples

Stephane: aham…

Israel: Tinha meia dúzia de bancos.

Stephane: Era pequenininha?

Israel: É.

Stephane: E costumava vir bastante gente?

Israel: Aqui?

Stephane: É. Nessa capela?

Israel: Inclusive a Sinha Junqueira ía muito lá.

Stephane: A Sinha Junqueira?

Israel: É. Ele saia dali, né?

Stephane: Ali onde era a biblioteca, né?

Israel: E´.

Stephane: Que legal.. O senhor deixa eu levar e eu trago de volta pro senhor essa semana ainda?

Israel: Pode levar. Leve e em confiança.

Stephane: Sim, eu trago pro senhor depois.

Israel: Ai você lê tudo e depois você tem bagagem pra fazer coisas .

Stephane: Pra fazer muito, é verdade…

Israel: Eu quero só mostrar o o coreto pra você ver

Stephane: A ta.

Israel: Deixa eu ver se eu acho ele aqui. O coreto Ai demoliram o coreto pra fazer

Stephane: Que era aqui, né?

Israel: É, onde tá o monumento ai.

Stephane: Ah

Israel: Eu vou mostrar o coreto Que tem aquele templo antigo. Bonito, a banda tocava. Ah, olha o Pedro II.

Stephane: Olha que lindo, né?

Israel: É mas o outro era mais bonito.

Stephane: O … Como que ele chama? O...Carlos Gomes?

Israel: Não …

Por causa do lustre.

Stephane: Ah ta, o lustre…

Israel: O lustre do Pedro II original era muito mais bonito, mas …

Stephane: Foi o que pegou fogo, né? Caiu tudo…

Israel: Era naquele prédio ali ó.

Stephane: O senhor assistiu pegando fogo?

Israel: É, assisti pegando fogo. Naquele prédio ali..

Stephane: Me conta essa história seu Israel (risos)

Israel: Quando eu vi… Olhei pra cá… No primeiro andar, ali.

Stephane: Aham… O senhor morava ali?

Israel: Não, não… Eu fui visitar um amigo… A mãe dele não “tava” boa… Ele tocava na orquestra.

Stephane: Aham.

Israel: Eu fui lá… Hoje ele “tá” em São Paulo.

Stephane: E ai o senhor…

Israel: Ai quando eu vi aquele fogo… Nossa senhora. Meu coração batia. Entendeu? Ai eu fui embora.

Stephane: Então o senhor viu pegando fogo tudo?

Israel: Vi queimando, né?

Stephane: Viu queimando…

Israel: Eu vi... Vish, foi uma correria…

Stephane: E qual que foi a sensação. Porque o Pedro II, ele é o o coração, né? Praticamente…

Israel: Ele foi inaugurado em 1930.

Stephane: O senhor chegou a ver a inauguração, né?

Israel: A na inauguração, eu era menino

Stephane: Aham…

Israel: Não lembro.

Stephane: O senhor tinha quantos anos mais ou menos, quando pegou fogo?

Israel: Ah, eu devia ter uns 40 anos já… Mais, né?

Stephane: Aham

Israel: Não, eu tinha mais.

Stephane: O senhor chegou a descer, pra ver de perto?

Israel: Não..

Stephane: Ou o senhor só viu lá de cima?

Israel: Não, tava tudo interditado aqui.

Stephane: Interditou tudo?

Israel: Peguei o carro e fui embora, eu morava no Sumarézinho.

Stephane: Aham.

Nossa… Eu imagino o susto, né seu Israel?

Israel: Ah, vou te contar pro “cê”

Stephane: óia.

Israel: Ai a capelinha aqui, ó

Stephane: Aham.

Israel: Ta vendo? A fonte É ligado a fonte.

Stephane: O lugar da fonte. E como que… quando… é… demoliram, né... . a capelinha? O senhor chegou a ver? O senhor chegou… Como que era naquela época esse processo pra demolir a capelinha?

Israel: Nessa altura já estavam construindo a capelinha da catedral, entendeu?

Stephane: Aham

Israel: Foi quando ela … Caiu, caiu… Teve um temporal, ai começou a cair…

Stephane: Ai por conta das quedas que foi ..

Israel: E deixaram tudo e ficou lá

Stephane: Ah, entendi.

Israel: E essa aqui você não conheceu, ó…

Stephane: Esse não.

Israel: Esse prédio aqui é onde tá o banco Itaú

Stephane: Aham.

Israel: isso aqui é o palacete dernecque. Coisa linda, não podia nunca demolir. Lá naquela esquina.

Stephane: Aham

Israel: Aqui é o da recreativa lá. E ele aqui na frente. Hoje é o banco Itaú lá. A lá o banco Itaú, ta ai, a lá…

Stephane: Aham.

Israel: Ta vendo aqui? ó o banco ai. Palacete de Irneque era uma família, e tinham muita coisa em Ribeirão Preto.

Stephane: Aham, o senhor chegou a conhecer eles?

Israel: Conheci? Inecque era pacifista lá em baixo

Stephane: Aham

Israel: E eles tinham esse palacete ai. No fim, a família quebrou, foi concordata e leilão. O banco arrematou e desmanchou, e fez aquilo lá. Não tinha ainda a … Não tinha sido realizado

Stephane: Aham

Israel: Acho que não ..

Stephane: Será que está nesse?

Israel: Deixa eu ver… Deve estar nesse aqui.

Stephane: E como que foi quando eles demoliram pra levar o… Como que foi pra tirar o cemitério? Porque eles levaram pra onde mesmo?

Israel: O cemitério foi na sete de setembro

Stephane: Ah sim

Israel: Foi construir a catedral e foram pro sete de setembro, o segundo cemitério foi ali onde é a catedral.

Stephane: Mas o primeiro foi aqui na praça?

Israel: Ali, atrás da. Era um cemitério pequenininho, né?

Stephane: Aham

Israel: Ribeirão Preto não tinha quase ninguém… Vamos ver se eu acho aqui

Stephane: Ta (risos)

Israel: Eu quero achar o coreto, pra você ver. Depois você vai ver isso aqui tudo.

Stephane: Vou. Vou selecionar uns pro senhor me contar a história inteirinha.

Israel: Você vai ver aqui ó. Vou te mostrar o coreto… Que bonitinho que ele era.

Stephane: O senhor… Na igreja que tinha, na São Sebastião… O senhor tem alguma história, que o senhor lembra? De quando você foi pra lá?

Israel: Eu era muito moleque. Não tinha ainda um raciocínio.

Stephane: O senhor era pequeno, né?

Israel: Conforme ia acontecendo

Stephane: Aham.

Israel: Hoje não. Hoje nós temos memórias, né?

Stephane: Aham

Israel: Então a gente guardava tudo.

Stephane: E o senhor gosta desse pedaço aqui? O senhor não saí daqui. (risos)

Israel: Eu to sempre aqui, né? Passei feriado aqui. Na Vila Tibério, nós vivíamos aqui.

Stephane: Aham

Israel: A família ribeirão pretana naquela época… Esse centro aqui, era o centro de encontro.

Stephane: Aham.

Israel: Eu criei dois filhos e ficavam passeando de velocípede ai.

Stephane: Ai que legal, né?

Israel: Então,,,

Stephane: E Ribeirão era mais tranquilo?

Israel: Nossa senhora, tenho saudade de Ribeirão quando tinha 100 anos.

Stephane: É?

Israel: Coisa linda.

Stephane: Ah, porque agora também não … é mais perigoso. Mas antes parece que era mais tranquilo, né?

Israel: É hoje Ribeirão mudou muito, nossa senhora…

A turma, todo mundo vinha pra cá… Hoje não vem mais ninguém pra cá.

Stephane: Aham.

Israel: Eu não to achando aqui.

Stephane: O senhor vai achar… Vai achar.

Israel: Ele ta aqui. Meu dedo tá muito grosso. E passa álcool… E passa álcool (risos)

Ó o palacete de novo aqui, ó.

Stephane: ó o palacete que bonito.

A parte de falar da urbanização de Ribeirão Preto do livro, vai ser com o senhor (risos). Que a gente vai falar dessas mudanças e tudo mais.

Israel: Pois não…

Stephane: Ai, que queria que começasse o livro contando um pouco da história do senhor também, né.

Israel: Minha história? Minha história é…

Stephane: Hãn?

A minha história é simples.

Stephane: Sem pensar, o senhor fez parte disso tudo.

Israel: Tinha que tá aqui, pô.

Stephane: Não ta ai, não?

Israel: é… Me ajuda aqui.

Stephane: Deixa eu te ajudar. Deixa eu ver se está no outro livro.

Israel: Me ajuda aqui. Ajuda aqui, que nós vamos achar…

Stephane: Vamos achar.

Israel: Olha, quero que você veja o coreto. Tem que achar ele. Porque a gente tá conversando e…

(risos)

Não prestou atenção.

Stephane: Deixa eu ver se eu acho aqui.

Israel: Ta do lado

Stephane: Centro de Ribeirão preto é muito rico, né?

Israel: Ah, se for pela cidade era o fórum da defesa de São Paulo.

Stephane: Aqui, é esse aqui?

Olha que bonitinho.

Israel: Bonitinho né? Olha o monumento, ai tiraram. Derrubaram isso aqui, pra fazer 32. Na revolução de 32. Aí fizeram o monumento em homenagem ao combatente da revolução de 32. Isso ai foi em homenagem aos combatentes.

Stephane: Me conta um pouco dessa história, seu Israel. Desse monumento, de como que era o coreto e.

Israel: Bom o coreto ta ai, você ta vendo ai. Queria mostrar pra você que é bonitinho.

Stephane: E ai entrava aqui.

como que funciona?

Israel: A banda que subia aqui, né? A banda que tocava.

Stephane: Recreta era o nome da banda ou do evento?

Israel: Do evento.

Stephane: Era um show, né?

Israel: A banda era espetáculo.

Stephane: O senhor viu então demolirem o barraco?

Israel: Sim eu morava ali em frente

Stephane: E como é pro senhor ver todas essas mudanças? Porque o senhor viu quando tiraram a igreja, pegando fogo no teatro.

Israel: Foi conhecidencia de estar no momento.

Stephane: Mas como o senhor se sentiu vendo tudo?

Israel: Aqui não porque estava caindo um pouco, o cemitério tiraram e começou a fazer a catedral, foi gradativo não foi especial foi de momento.

Stephane: O senhor chegou ai no carlos gomes? No teatro.

Israel: Não porque eu era muito novo mas eu vi demolirem. Maior estupidez que fizeram em Ribeirão. Eles fizeram uma torre escrita o petróleo é nosso, isso foi na época da ditadura.

Arquivo (áudio 3)

Israel: O carro pode ficar aqui até 10h. Depois das 10h você tem que tirar.

Stephane: Aham. Eu quero que primeiro o senhor conte um pouco da sua infância aqui em Ribeirão...

Israel: A infância eu lembro que eu morava na Vila Tibério, na rua Doutor Loiola no segundo quarteirão, meu pai era ferroviário então os seus portugueses moravam todos por ali...

Stephane: O senhor é de descendência portuguesa?

Israel: De pai e mãe graças a Deus, meu pai era de Tanatauba e minha mãe de Catanheira Portugal. E sempre vivi na Vila Tibério, minha família toda já estudei no terceiro grupo, no ginásio e procurei trabalhar pois naquele tempo todo mundo trabalhava.

Stephane: Aham.

Israel: Eu com 7 anos já estava trabalhando.

Stephane: Com o que o senhor trabalhava?

Israel: Ajudando, aqui tinha um...hoje é um bar café ali pra baixo da Saldanha Marinho era café do comercio e eu fui trabalhar lá pra lavar xicara, eu era pequeno então ele colocava uma caixinha e eu subia nela na pia e lavava.

Stephane: Olha (risos)

Israel: E ganhei meu dinheirinho, naquele tempo não tinha problema você podia trabalhar... E minha vida sempre foi de pobre, meu pai sempre trabalhador nós somos em 9 irmãos, todos moços e nossa vida foi essa.

Stephane: O senhor era o mais novo ou o mais velho?

Israel: O caçula e sobrou só eu porque o resto já morreu tudo...

Stephane: Nossa!

Israel: O resto já faleceu.

Stephane: E como era a cidade, o senhor lembra como era?

Israel: A cidade era simpática, cidade bonita, limpa. Aqui eu vou te falar de noite tinha os carroções e passava o caminhão todo no asfaltamento aqui ai passava os caminhões de agua e jogava depois vinha os carroções jogando lixo na beirada....atrás vinha os catadores com sua carrocinha catando o lixo, a cidade amanhecia limpinha bonita porque tinha 100 mil habitantes nem isso. Nesse tempo tinha o coreto ai e depois desmancharam para fazer o monumento em homenagem aos heróis de 1932... e a vida nossa era essa.

Stephane: E essa praça aqui o senhor viveu os dois momentos, né o momento do coreto...

Israel: Nossa se você conhecesse essa praça antes realmente quando era praça, sem essa grama que o palocci plantou, isso aí é capim agora tá jogando água...

Stephane: Subi tudo, né

Israel: Esse canteiro aqui era tudo lojas, aqui tinha um canteiro que os meninos podava tudo direitinho e la no meio era o jardim, o jardim era os 4 canteiros, quando o Condeixa entrou ele colocou esse vasos coloridos e esses anéis, aqui de noite era uma beleza isso aqui tinha vida e hoje não tem mais...olha pra ver se isso é vida.

Stephane: Não tem cor, né...

Israel: Não, Não é o palocci fez a reforma aqui e acabou com a praça, aqui nós tínhamos os bancos, os bancos cheios de propaganda tinha a história de Ribeirão Preto, se você quisesse saber a história de Ribeirão você ia banco por banco e ia lendo, os bancos era de cimento e todos eles tinham propaganda a pessoa que chegava aqui começava a ler, isso era o patrimônio de Ribeirão e ele acabo com isso...

Stephane: Aham.

Israel: Entendeu, isso aqui deixou de ser uma praça isso aqui era lindo toda família vinha pra ca, de sábado e domingo isso aqui ficava cheio, eu vinha com meus filhos eu morava ali embaixo e vinha, eu criei praticamente meus filhos nessa praça.

O noss shopping era General Osório, todas as lojas tinha vitrine expunha uma mais bonita que a outra, no fim de ano inclusive tinha até concurso da loja mais bem organizada e bonita.

Stephane: Que legal!

Israel: Eram todas bonitas, desde a da José Bonifácio até aqui na Alvares Cabral e cada uma das lojas tradicionais, todas elas queriam...cada uma queria fazer mais bonita que a outra. Então a gente vinha passear para ver a loja.

Stephane: Era um evento né?

Israel: Era um shopping a céu aberto, era uma coisa linda, hoje acabou já não tem a praça virou um pasto você não tem o que apresentar pras pessoas que vem de fora, virou uma sujeira. O prefeito não tem culpa ele devia arrancar tudo isso e fazer uma reforma aqui, já gastaram um dinheirão, entendeu...

Stephane: Aham.

Israel: Tirou proveito né, tirou porque roubou bastante.

Stephane: E era cheio de rosa seu Israel, aqui?

Israel: Roseira de todas as cores, coisa linda ficava no meio ali, era um jardim. Depois da escola eu ia na praça, tudo linda e luminosa sempre funcionou.

Stephane: E como que era as vestimentas? Todo mundo se vestia muito bem naquela época?

Israel: Todo mundo, os jovens daquela época...nós tínhamos 5 cafés aqui na cidade e todos os cafés tinha caixa de engraxate, engraxava o sapato. Ali no café

tinha 10 caixas de engraxate, todo mundo engraxava o sapato e todo mundo andava elegante de paletó e gravata.

Eu trabalhei no comercio de paletó e gravata, você comprava o cinema você tinha que ter paletó e gravata senão você não entrava.

Stephane: Olha.

Israel: E tinha o guarda civil ela tinha um uniforme de gala e ficava com aquele uniforme na porta do cinema. Pra você ver o que era o luxo de Ribeirão.

Stephane: Ribeirão pela história era uma cidade muito luxuosa, né?

Israel: Além de ser uma cidade limpa e educada, você não vinha vandalismo não tinha nada disso e todo mundo trabalhava, entendeu?

Stephane: Aham.

Israel: Era uma cidade que dava gosto, nossa, Ribeirão sempre apresentou porque aqui na época do café, o desenvolvimento...aqui nós tínhamos 3 cassinos.

Stephane: Como que era lá?

Israel: Ali onde está o Santander era o cassino antártica, ele tinha um salão, um palco, um auditório maravilhoso onde as dançarinas dançavam, elas vinham lá da França para dançar aqui e depois tinha os boxes para a turma tomar suas refeições tudo. Pra baixo tinha o cassino dos pobres que se chamava Okay.

Stephane: Okay (risos).

Israel: Ali pra baixo indo pra São Sebastião, no antártica ia os coronéis para gastar dinheiro, ai fechou né acabou o jogo acabou cassino, deixaram tudo fechado. O mira tomava conta do lanche ali onde é o Pinguim ai ele abriu a cantina 65, onde era o cassino, até na esquina não tinha.

Stephane: E naquele época o senhor chegou a conhecer algum coronel?

Israel: Nossa o coronel quinzinho morava aqui na esquina, esse terreno todo era dele, depois ao passar do tempo o DDi que comprou o terreno e construiu a casa aí. Foi inaugurado em 1926 depois o prédio.

Stephane: Então o senhor já me falou que conheceu.

Israel: A única foi inaugurada em 1937.

Stephane: E desde então o senhor vai na única?

Israel: É desde menino né, o começo da única tinha muito...então o que eu estava falando mesmo?

(risos)

Stephane: O senhor estava falando que tinha muitos cafés aqui em Ribeirão...

Israel: Só aqui tinha 2, então como tinha muito café eles vinham muito pra cá, tinha lenda de café...

Stephane: A cidade do café, né.

Israel: E aqui tinha um senhor que vendia joia, ele andava todo de terno branco e ele chegava andava com os bolso com tridente, ele sentava no pinguim ali ele negociava com os fazendeiros.

Stephane: Que legal.

Israel: Ele esparramava tudo ali na mesa, imagina se fosse hoje.

Stephane: Imagina já perdia na primeira tirada do bolso.

Israel: Se fosse aqui ele morria.

(risos)

Stephane: E era uma cidade muito rica né seu Israel?

Israel: Pelo padrão dela era muito rica, pelas construções, a primeira construção foi aqui na praça e depois hotel para acolher os fazendeiros, porque não tínhamos um hotel a altura, depois construíram o Pedro II, ai ligaram uma passagem pra tudo, liga o hotel com o Pedro II.

Stephane: E o senhor viu construir?

Israel: Não eu era pequeno.

Stephane: O senhor já passou pela passagem?

Israel: Nessa parte ai tinha um bar antártica ai, tem fotografia la.

Stephane: Isso onde é o teatro né.

Israel: Isso e depois foi construído o Meira júnior, ele era gerente da antártica e ele fez muito pra ribeirão, ele construiu o Pedro II e depois aqui, aquela estatua ali e ele, fizeram pra ele, hoje está tampada ai

Stephane: Eu nunca reparei seu Israel, olha como as coisas são.

Israel: É ai só está faltando a bengala, roubaram a bengala dele.

Stephane: E aqui em Ribeirão todas as praças...aqui era o centro né?

Israel: É

Stephane: Todas elas eram do mesmo jeito que o senhor falou?

Israel: Todas as praças, a primeira foi aqui, depois lá na catedral lá chamava treze de maio, ai resolveram fazer a catedral lá e lá era um cemitério que tiraram

daqui e levaram lá e depois pra 7 de setembro, ai fizeram a praça ficou a da catedral e a da bandeira, vish aqui tem história.

Stephane: Tem é, e eu lembro acho que foi a primeira vez que vim aqui que o senhor falou da sinhazinha saindo da biblioteca...

Israel: Graças a Deus fizeram uma reforma maravilhosa na biblioteca, e colocaram o nome que eu sempre falei, estupidez colocarem o nome de Altino Arantes um sem vergonha.

Stephane: Ele era marido dela?

Israel: Não ele era advogado, nem daqui ele era, ele e o da esquina ali o casarão.

Stephane: E como era a sinhazinha?

Israel: Era uma senhora linda ela era francana e o coronel conheço, ele era um homem magrinho pequeno do tamanho dela, simpático, eu via ela sair dali ela tinha dois cachorrinhos, ela ficava aqui e ela tinha uma residência la na avenida Junqueira era uma fazenda chamada São Geraldo. Na época da bolsa da queda de 1929 eles foram pra lá, naquela quebradeira não tinha mais emprego.

Stephane: E aqui em Ribeirão quais lugares que o senhor já trabalhou?

Israel: Em primeiro lugar eu trabalhei no comercio, no café de lavar xicara, depois eu trabalhei no posto e eu fui aprender no salão de barbeiro, ali conheci pessoas, como barbeiro cheguei a ser diretor do regatas depois eu parei e fui viajar, viajei mais de 40 anos.

Stephane: O senhor ficava só viajando e voltava?

Israel: Eu nunca abandonei aqui, minha família eu nunca tirei daqui, conheço o Brasil inteiro onde quiser saber eu conheço e todas as capitais.

Stephane: E o senhor trabalhava com o que nessa época?

Israel: Eu trabalhava com açúcar eu era chamado o homem beija flor pois tinha muito açúcar.

Stephane: Ah seu Israel o senhor aproveitou muito avida né.

Israel: Se quiser saber do Brasil eu conheço lá do xui até Bela Vista, agora tudo trabalhado e as vezes passeando, quando eu fazia excursão com minha esposa eu levei ela em todos os lugares que já fui.

Stephane: Conheceu sua esposa aqui?

Israel: Sim na sorveteria.

Stephane: É qual?

Israel: O pai dela faleceu em 1944, em juruce teve um fenosuporase, ai minha sogra liquidou tudo e veio pra cá comprou uma sorveteria na Luiz da cunha eu trabalhava aqui no centro, as vezes tomava sorvete lá e tinha um amigo que era marceneiro e ele tinha várias marcenarias na amador Bueno grandes marcenarias tudo ali. Ele morava um pouco depois da minha casa, ai cheguei um dia no jardim e ele falou ali na sorveteria tem uma menina bonitinha...

Stephane: (risos)

Israel: É estou contando a realidade, vamo tomar um sorvete e vamo embora, chegando la eu fui bater o olho e ela la, ai conversando tomando um sorvete eu perguntei, que horas você sai daqui, ela tinha 11 anos.

Stephane: Nossa seu Israel.

Israel: Que horas ce sai daqui, a minha mãe fica aqui pega minha irmã e vamos pra casa, ela morava ali do lado um pouco pra cima ali da igreja. Eu falei então vou te esperar e ela falou ah mas tem meus irmãos, o seu irmão você deixa pra mim que eu cuido deles.

Stephane: (risos).

Israel: (risos) eu era muleque ainda.

Stephane: Tem medo não.

Israel: O mais velho já era moço.

Stephane: E o senhor não tinha medo não.

Israel: Assim eu comecei a namorar ela, esperei ela sair e ela com medo dos irmão, ainda andei até o quarteirão de cima e assim começou, namoramos dois anos na rua, íamos na igreja e assim namorico de igreja. Depois de um tempo minha sogra pegou eu e ela no jardim e queria bater nela e eu falei olha a senhora não ousa bater nela porque eu não vou permitir, ai ela disse vai namorar la no portão.

Stephane: Ai vocês começaram a namorar em casa?

Israel: Namoramos dois anos no portão na chuva, não me deixaram entrar.

Stephane: E onde que ela morava? Aqui né

Israel: Na Vila Tibério, o pai dela já tinha falecido, eu não o conheci ai eu namorando ela, ela teve um problema intestinal e se recorreu ai eu fui visitar ela e fiquei ai eu pensei agora ta bom to em casa né, ai a mãe chegou e disse pode voltar a namorar no portão porque você não falou comigo e eu não permiti.

Stephane: Olha brava (risos).

Israel: Ai voltei a namorar no portão.

Stephane: Ficaram dois anos na rua e dois no portão.

Israel: Ai eu fiquei noivo e então namorei em casa, eu namorei 8 anos com ela e a minha vida foi assim.

Stephane: Então vocês passeavam bastante, vocês gostavam de ir na onde?

Israel: Era na praça.

Stephane: Aqui né onde era o centro.

Israel: Ou então ia no cinema né, quando vinha né porque era difícil. Cinema aqui era o charme. A guarda civil era a guarda de luxo, ai veio a polícia militar e apagou a guarda civil.

Stephane: O bairro do senhor la na Vila mudou muito?

Israel: Mudou bastante, muito comercio, ribeirão era o centro até a 9 de julho, depois não existia mais nada.

Stephane: Depois foi expandindo né, você ia para outros lados.

Israel: Era tudo barracão, o barracão quando o ferroviário lá era tudo chácara, onde tem o colégio ali na Dom Pedro ali a praça era Pedro Biagi fizeram um barracão lá pra acolher os imigrantes que vinham ali eles selecionavam as pessoas pra fazenda deles, ele iam tudo de trem parava ali se alojavam. Poucos sabem dessa história.

Stephane: Eu li uma vez que existia barracão em cima e embaixo.

Israel: O de cima era Campos Elíseos e o de baixo, mas não tinha nome.

Stephane: Existia uma rixa né.

Israel: Ah era uma brincadeira, e que nem aqui o cara alugar casa em ribeirão, eu tenho uma casa e está no calçamento e isso era uma coisa difícil, o campos Elíseos foi calçado na avenida saudade pra cá não tinha calcamento, mas foi aos poucos calçando.

Decupagaem entrevista Gilda Montans

Gilda: Tem bastante coisa

Gilda: Inclusive a reestruturação do teatro.

Stephane: Do teatro né.

Stephane: A senhora nasceu aqui em Ribeirão Preto?

Gilda: Não, eu nasci em Altinópolis.

Stephane: Em Altinópolis né, aqui pertinho.

Gilda: Nasci dia 18 de Novembro de 1938, tenho 81 anos e eu vim para Ribeirão Preto, meus pais venderam a fazenda lá e compraram aqui em Jardinópolis.

Eu vim com 11 anos de idade e vim para um colégio. Mas com 12 anos meu pai já seu mudou para Ribeirão também e eu já comecei a estudar música no colégio interno.

E o fato de eu tocar não foi minha escolha na realidade, foi porque tinha um instrumento, meu pai era apaixonado por música, minha mãe era musicista, pianista e tocou no cinema mudo naquela época em Altinópolis, tocava na igreja e ela tocava e cantava piano.

Stephane: Que legal!

Gilda: Meu irmão foi para São Paulo, estudou um pouquinho ne, não foi para frente.

Stephane: Deve ser o xodó da senhora, né?

Gilda: É, e ai passou a ser né, meu pai é apaixonado pelo instrumento, eu com 13 anos já fazia baile na fazenda, então eu fui gostando do instrumento, fui me interagindo com ele e realmente passou a ser o meu instrumento.

Eu mexo no piano, eu componho, eu não consigo compor no acordeon, é porque aqui eu faço e escrevo.

Stephane: Ah sim.

Gilda: Com maior facilidade eu faço e escrevo, no piano existe todas as textituras, todos os instrumentos, do mais grave ao mais agudo.

Então aqui se eu for fazer um magistral, uma orquestra eu me lido bem aqui.

Stephane: A que bacana.

Gilda: E depois que eu tiro o esquema daqui, eu vou elaborar tudo isso no computador.

Stephane: E a senhora toca quantos instrumentos?

Gilda: Na realidade mesmo eu já toquei flauta, toquei um pouquinho de violão, isso aqui também para trabalhar mas eu nem considero ele é mais fácil do que todos os instrumentos.

Stephane: Aham com esse você tem uma facilidade maior.

Gilda: Tenho, de sopro eu toquei um pouquinho de flauta doce. (Gilda começa a tocar piano)

Stephane: Que linda.

Gilda: É coisinha assim insignificante, é fácil, mais fácil, com 12 anos eu já comecei a estudar, eu tive bons professores aqui em Ribeirão Preto.

E com 15 anos mais ou menos que me disse que aqui em Ribeirão não tinha mais ninguém para me dar aula e eu tinha que ir para São Paulo, ir para o conservatório, Edi Meireles eu acho que foi a melhor professora brasileira.

Eu comecei a ir de 15 em 15 dias de avião, eu chegava em São Paulo, você dava o endereço e o taxi te deixava lá, ficava o dia inteiro tendo aula, de noite me mandava pro aeroporto.

Stephane: Tudo isso em um dia, que correria né!

Gilda: E eu fui fazendo assim, eu sei que comecei a dar aula muito cedo também, com 16 anos já estava dando aula e comecei a participar da vida cultural da cidade, porque eu fiz o conservatório em São Paulo e eles fizeram com o conservatório municipal de Ribeirão Preto uma parceria, então as disciplinas teóricas se fazia aqui.

Stephane: Ah bacana.

Gilda: Lá eu só fazia uma disciplina que não tinha no currículo daqui.

Stephane: E na onde que a senhora fazia aqui?

Gilda: No conservatório brasileiro de harmônica na avenida angélica.

Stephane: A senhora ficou quanto tempo?

Gilda: Eu fiquei lá bastante tempo, me formei, fiz curso de virtuosidade, fiquei uns 8 anos.

Stephane: E a senhora gostava de lá né?

Gilda: É, eu ia sempre, fiquei muito amiga dessa minha professora, ela gostava muito de mim eu participava muito das apresentações. Aqui em Ribeirão tinha especial, por eu estar no conservatório eu vi toda a vida cultural de Ribeirão e participei dela. Com vinte e poucos anos já fui pra paraninfa, acabei de formar lá já fui trabalhar aqui, fui para a paraninfa da turma muito cedo de uma turma do conservatório onde eu tinha 7 formandos e também assistindo as coisas.

Nessa época eu assisti o aniversário de Ribeirão Preto, eu não lembro a data, eu devia ter 15 ou 16 anos, foram os 100 anos de Ribeirão foi uma festa muito bonita, com um baile era do Costabile Romano o prefeito montaram uns galpões onde ficavam os cafeicultores lá na avenida Bandeirantes onde sai para Sertãozinho, ali que foi feito esse baile, um grande baile de gala dos 100 anos.

Eu assisti muita ópera no Teatro Pedro II, tudo que tinha de importante do exterior, companhia de óperas, companhias de ballet, grandes pianistas, vinham para Ribeirão, o teatro Pedro II é o terceiro maior teatro do Brasil, o de São Paulo é o segundo. Então eu tive essa oportunidade de ter uma formação muito rica, esse pianista o João Carlos Martins constantemente veio dar curso aqui em Ribeirão, aliás tem gente da família dele aqui em Ribeirão, tinha uma prima que era professora de piano, então a gente tinha contato esses grandes pianistas. Nessa época eu tocava muito nas comemorações festivas do episcopado de Ribeirão, no aniversário do padre, bispo, de tudo eu estava sempre tocando.

Stephane: E como eram os espetáculos de ópera por exemplo?

Gilda: Eles eram muito lindos, tinha sempre companhias italianas, nas óperas eu assisti traveata, assisti galeto, assisti umas três óperas. A montagem logicamente contava sempre com alguma coisa, eu assisti um concerto, você chegou a abrir um livro do teatro Pedro II?

Stephane: O livro não.

Gilda: Você precisa, você não pode fazer essa pesquisa sem ver ele vou até pegar ele para você.

Stephane: Eu pesquisei um pouco sobre essa parte cultural.

Gilda: A sua pesquisa vai abranger a parte cultural e mais o que?

Stephane: A parte cultural, a organização e a arquitetura.

Gilda: Arte na realidade né. Você não pega a cultura, só a arquitetura.

Nossa eu frequentei palacetes, uma coisa fantástica, maravilhosa. É que foi tudo derrubado uma coisa assim, o teatro Pedro II, o lustre que tinha la em cima é uma coisa...

Stephane: Fantástica.

Gilda: Eles não conseguiram uma fotografia e eu participei tocando, eu fiz dois concerto na época, dava aula na UNAERP e fui diretora do centro de comunicações então eu tive bastante contato com o pessoal da comunicação.

O Corausse fazia parte do departamento de administração de empresa, ele fez parte de duas ocasiões, a primeira foi quando ele estava escombro. Ele me deu um quarteto e nos socamos em cima do palco que era perigoso até despencar, estava tudo em escombro. Na segunda ocasião eu fui para um quarteto, eu e mais três, ex alunos, colegas no acordeon e na outra vez foi quando cobriu o teatro ali onde é a plateia, nós começamos a tocar e estava tudo aberto e começou a entrar pessoas, na realidade foi um conceito simbólico, nós tocamos música clássica. Por isso que estamos no livro da história do teatro.

A gente mesmo a escola, o conservatório musical de Ribeirão Preto participava muito, fazia formaturas, concertos de alunos, havia quatro ou cinco pianos, tudo no teatro Pedro II. Eu já mocinha pisei no chão daquele teatro.

Stephane: A senhora já chegou a se apresentar antes do incêndio ou não?

Gilda: Bem antes eu já me apresentava, o teatro ainda não estava na decadência, porque o teatro teve esse momento de decadência. Eu assisti o auge, fiquei no auge. Depois que ele foi apresentando problemas, problemas de estruturas, problemas de decadência, problemas financeiros de administração, embaixo onde é o Meira Junior só funcionava um salão de baile popular, chamava-se caverna tinha baile até de madrugada. Ele teve uma decadência comple e total porque ele não era da prefeitura, não era público, ele era paulista.

Stephane: E como foi pra senhora se sentir tendo feito parte disso?

Gilda: É muita emoção saber com a graça de Deus, Ribeirão soube resgatar a maior obra, porque depois de ter desmanchado o teatro que era uma preciosidade, ele ficava na outra ponta onde era a praça perto do museu marp. E quantos outros monumentos foram derrubados, ainda que eles conseguiram salvar o Pedro II. O teatro é um dos maiores monumentos culturais.

Stephane: E foram os artistas que salvaram, né?

Gilda: Foram movimentos dos artistas que fizeram campanha, que batalharam até conseguirem que os governos do estado comprassem e depois fizeram essa doação pra prefeitura de Ribeirão Preto.

Stephane: E a senhora fez parte desse movimento.

Gilda: Então o que que eu vejo hoje, com o resgate do teatro, houve também um resgate da cultura, grandes espetáculos, grandes artistas. Acho que o teatro de ópera não é um teatro para música popular, não é um teatro para entrar baterias de

som, por causa do estilo da música popular, como ela se apresenta hoje para grande público, para grande desenvolvimento. A música popular nem pode ser tocada no teatro pois compromete a estrutura, a altura do som interfere na estrutura o som é tão potente que mexe com a parede.

Ainda bem que agora parece que não é qualquer coisa que vai lá, esse som pesado não tem espetáculo lá, tem algumas coisas populares mas não é exagerado. Então vai resgatando sabe, agora eles precisam resgatar a orquestra sinfônica, isso é um dos maiores monumentos culturais nosso. A orquestra são muito pouco as cidades no mundo que tem uma orquestra e não se justifica um teatro desse porte não ter uma orquestra, um coro, uma atividade artística cultural.

Stephane: E a senhora acha que perdeu a força né?

Gilda: Em Ribeirão Preto eu não posso te dizer porque são muitas as variáveis, Ribeirão é uma cidade muito rica então é inadmissível que uma orquestra, que um patrimônio cultural desse esteja a perigo, eu assistia a live dos 90 anos no teatro, quando foi a reabertura do teatro, então eu senti falta de muitos músicos maravilhosos que Ribeirão teve. Eu fiz uma live em prol da sinfônica, eu já fiz 3 lives, a segunda eu fiz em prol da sinfônica. Porem são ajudas pequenas em vista da grandiosidade ajuda que se precisa. Se existe algo que precisa, eu não sei se e falta de cultura, e falta de empenho, um foco. Esses que vierem pra Ribeirão são forasteiros que não tem a raiz, eu não sei. Eu atribuo muito a falta de cultura, a pessoas que não nasceram aqui e não tem raiz, só estão ganhando dinheiro aqui, precisaria juntar uma ajuda muito grande aí.

Stephane: E a senhora estava falando do incentivo né, eu tenho uma experiência breve nesse sentido, que quando eu tinha acho que 9 ou 10 anos eu participava de um projeto e eu comecei a tocar viola clássica e eu toquei durante uns 3 ou 4 meses, só que eu tive que parar pois não tinha instrumentos, e são caros, na época chegamos a fazer uma campanha, vender pizza pra tentar arrecadar dinheiro, eram turmas grandes, quem era avançado tinha o instrumento para tocar, mas quem começava deixava pro próximo ano pois não tinha o incentivo.

Gilda: É isso ai um caminho tão importante que eu sinto a inoperância e a falta de cultura dos nossos políticos, porque se fossem sabidos eles saberiam que é ai que da a chave da reabilitação educacional do Brasil, são esses projetos que dão oportunidade, todos sairão ganhando, aqueles que não tem um talento profissional

sairão com cultura, as vezes conhecimento e uma visão de mundo diferente. E quem já teve a oportunidade tem um caminho profissional. Eu vou tocar viola, violino vou para qualquer lugar e através disso teríamos muitas orquestras. Mas era preciso m=um investimento, as pessoas abrirem a cabeça que esse é o caminho, não e só a fome que é miséria, é a falta de educação de qualidade, porque isso é qualidade.

Stephane: E é isso mesmo, assim olha a senhora via esse incentivo nos primeiros anos, maior que agora ou era nesse mesmo estilo?

Gilda: Sempre foi difícil, por exemplo você falou do seu projeto, eles não tem a pessoa que carrega, se ele está sendo administrado e sustentado. Saiu a pessoa que estava administrando, entrou outra já dizendo vamos acabar com tudo isso, não tem planejamento a média e longo prazo, são desorganizados. No projeto cultural tem de se fazer pra pelo menos 10 anos. E como vai ter recurso, alguém que garanta pelo menos por 10 anos.

Agora eu assisti uma live eles estão com um projeto, eu acredito mais nessas coisas próximas da gente, só que a abrangência e pequena, precisava ter vários outros projetos com a mesma finalidade, com o mesmo foco para poder compensar.

Stephane: E eu estava fazendo umas pesquisas sobre teatro, porque eu acho que teatro ele e o resgate da cultura principalmente em Ribeirão Preto, e eu estava lendo um pouco e era um evento muito grande, como que era as vestimentas e se preparar para ir?

Gilda: Era uma época de muito glamour, as pessoas andavam como desfile, muito chique, a família toda indo ao teatro, a formação cultural que vinha dos antecedentes. Hoje a formação é muito fraca, o fato da educação ter despencado do Brasil, tiraram o ensino das artes, as pessoas se embruteceram, não tem cultura.

Essas músicas de hoje é resultado da nossa cultura, não tem raiz. Eles querem gritar e não estão interpretando, e a falta de cultura isso. Eu participei muito do processo educacional eu considero que as coisas começaram a desabar em 1972. Quando veio a primeira lei de diretrizes que mudou todo o ensino pra pior.

Stephane: Acha que essa grande mudada foi pra pior?

Gilda: Pior. Porque eles fizeram acabar com a tradição, e com a tradição você não se acaba com ela, o próprio nome já diz é sua história, ela vai se renovando naturalmente, de acordo com as gerações, agora querer quebra de proposito você

vai se dar mal. Quando eles tiraram desenho, musica das escolas, artes populares, eles tiraram todas as disciplinas de culturas.

Stephane: E nessa época teve movimentos para trazer de volta isso?

Gilda: O movimento era ao contrário, a favor das mudanças, pra mim foi um grande englobo foi quando explodiu nos Estados Unidos a arte do casal, educação artística, como e que é? não existe uma pratica, com uma carga horaria de três disciplinas em uma, o pessoal sabia enfrentava, todos sabiam cantar, era afinados, cantavam o hino nacional direito, hoje as crianças nem sabem cantar. Você vê que a uma carência muito grande, agora nem sei como está, participei muito de discussões sobre isso.

Comecei a trabalhar em Unaerp em 1958, era um conservatório musical.

Stephane: Ah serio eu não sabia dessa parte!

Gilda: Em 1972 surgiu o primeiro bloco na Unaerp, logo a música já foi pra la, depois eles começaram a fazer mais blocos. Eles juntaram músicas e artes cênicas.

Stephane: E a senhora sente falta dessa época?

Gilda: Foi uma época muito forte, de gente preparada, discutíamos muito sobre a arte, envolvia muitas coisas, era muito gratificante. Pra gente professor foi muito enriquecedor, essa educação artística, o encontro das artes, adquirir muita cultura. Eu fiz um projeto pra um trabalho com a terceira idade, eu, o Magno, tinha uma psicóloga e um neurologista, nós fizemos uma fusão pra trabalhar a arte com o pessoa da terceira idade depois dos 50, onde todos participava da atividade, todos estavam presentes, o neurologista trazia informações sobre a velhice, passava filme, o psicólogo trabalhava as emoções na forma de expressão da música, todos faziam música, eu trabalhava com tudo que fazia som, era importante para desenvolver ouvido, era uma composição sonora feita com sons, a pessoa aprende a linguagem, conversa. Você vai adquirindo a cultura naturalmente, isso e um timbre e aqui a frequência.

Você vai trabalhando e montado um evento sonoro.

Stephane: E quanto tempo durou esse evento?

Gilda: Durou uns 3 anos, a mesma coisa porque ele era gratuito, era um projeto caro porque em uma hora de aula pagava 5 professores, teria sido uma

experiência sobre desaguar uma grande pesquisa. Na época não soube aproveitar as oportunidades.

Stephane: E no curso não teve a turma esse ano

Gilda: Acabou ne, não tem mais atividade só o coral

Stephane: Vi que o curso de música a partir de 2017 não teve mais turma.

Gilda: Eu ainda faço parte de um grupo de música, é uma pena, é falta de cultura, da própria universidade de fazer um investimento em pesquisa, eu briguei muito la mas eu consegui muita coisa também.

Stephane: E a música é algo mais emocional né?

Gilda: É mais assim acessível nesse ponto de vista.

Stephane: Você acha que esse envolvimento das artes ajuda no desenvolvimento mesmo?

Gilda: Muito, você pode, e fácil se você for num asilo de velhos eu já fui, e fora do mundo, se tu por uma música brilhas, tem um choque no cérebro, eles lembram a emoção da música, lembram de tempos passados, e evidente.

Stephane: e a senhora tem alguma música que lembra.

Gilda: Elas conhecem e sabem se manifestam, a música terapia trabalha esse trabalho emocional, o comportamento das pessoas, tem pessoas que choram que ficam nervosos.

Stephane: E a senhora tem uma música que lembra os primeiros anos.

Gilda: Em especial um só não, lembro de muitas, eu era pequena tinha 5 anos, minha mãe na igreja tinha um mezanino lá em cima ficava os cantores, eu subia a escadinha e ficava no primeiro degrau sentadinha escutando, o gosto musical já foi aflorado desde pequena. Naquela época não tinha televisão, o rádio era horrível e eu morava na fazenda e a minha mãe fazia um sarau, então vinha os vizinhos sentavam todos, tinha um piano de armário, depois meu pai comprou o de calda, ai ela tocava e cantava então todas as músicas e ela cantou até com 85 anos quando morreu, muita influência da família musical.

Música ao vivo era a educação era diferente porque, a tecnologia era outra, hoje você tem que pensar em trabalhar a educação e cultura com a tecnologia, não adianta dizer que a criança não pode ver celular, o melhor e você educar pelo celular, com o celular, fazer um uso correto, benéfico, eu acho que não e a negação, não negar a evolução. Então é uma coisa interessante essa, na minha época eu

brincava com boneca de milho, eu fazia as boneca de sabugo, o brinquedo a gente tinha muito pouco. Por morar na fazenda tive uma infância criativa, então hoje as pessoas e uma explosão de brinquedos, nem ligam mais não adianta essa e a realidade. A minha neta de 29 anos aproveitou demais com 5 anos, os outros já entraram em outra.

Stephane: As culturas são mais acessíveis.

Gilda: O ensino de música era, as pessoas era boton, dava um requinte na educação, as famílias bastardas tinham um piano e todos estudavam, Ribeirão tinha dois conservatórios muito forte, em 1978 foi uma coisa muito importante e agora você ve não tem nenhum conservatório, só escola de música, hoje e universidade. O que teria que ter hoje esse projetos culturais, entrar em outro campo, as aulas particulares que formam um pouco, e a harmonia a teoria, estruturação cultural. Então hoje que sai da universidade ele não tem amadurecimento, academismo forte. Mas e realidade, não adiantar montar o que era.

Stephane: A senhora lembra com detalhes a primeira vez que se apresentou.

Gilda: Foi muito legal concerto que fiz, era sociedade recreativa, eu fiz tocando sonata tocando arcodeon, acompanhada por Diva Tarla, depois uma segunda parte com presença de dois músicos. Primeira parte solista e segunda com os músicos, músicas de câmera foi o primeiro concerto que eu fiz em Ribeirão, depois repeti em cravinhos.

Stephane: A senhora guarda recordação.

Gilda: Aqui ó, essa e a diva, a era tudo chique.

Stephane: Tinha quantos anos nessa apresentação

Gilda: Eu tinha 21 anos, tudo comentário, fazia recorte de jornal

Stephane: Tinha quantas pessoas na plateia?

Gilda: 200 pessoas, eu estava ansiosa, eu já fiz 65 anos, aproveitei muito. O professor que me mandou lá era de cravinhos, por isso fazia muitas coisas lá, aqui foi com grupo de alunos visitando diário de notícias.

Stephane: Essas imagens poderia ceder pra eu pôr no livro.

Gilda: Era muito importante o auditório, eu e a dona Diva aqui concerto em cravinhos no ano seguinte. Tinha um concurso entre todas as virtuosas, dessa apresentação.

Stephane: E a senhora gosta de relembrar desses momentos.

Gilda: Sim e muito gostoso você saber que você fez muita coisa que gostava, a vida inteira eu fiz muito o que gostava isso e importante, dedicar o seu tempo. Sabe quem decorava os palcos o seu Palocci, ele era muito o meu amigo.

Stephane: E a senhora conhecia bastante gente ne?

Gilda: Sim.

Stephane: Você e um testemunho vivo da cidade.

Gilda: Eu era um elemento cultural da cidade, fiz parte da criação da cultura da cidade.

Stephane: A senhora gosta da cidade?

Gilda: Sou apaixonada, acho bonita gosto do convivo, faz parte da minha cultura, eu sou muito grata, essa cidade que me fez desenvolver, estudar, trabalhar.

Stephane: Teve algum momento que pensou em desistir?

Gilda: Nunca. Marido já me encontrou na última atividade, eu nunca parei, meu marido você e louca, não eu não sou. Eu perdi um filho com quase 21 anos.

Eu me aposentei muito cedo, era um absurdo a aposentadoria, com 46 anos estava aposentada, quando ele morreu eu fiz um proposito que queria tocar. Eu vou morrer deixando muitos projetos para trás.

Stephane: Teve dificuldade no começo para entrar na música?

Gilda: Não nunca tive.

Stephane: A ideia lembra justamente esse resgate de memória.

Gilda: Ribeirão eu conhecia todo mundo, a 9 de julho era a última coisa que tinha, tinha 100 mil habitantes, a gente se conhecia, na época eu desfilei, eu fui miss bambu, desfilei no Rio, fiquei 15 dias no Copacabana com clubes do Brasil inteiro.

Stephane: Quando a senhora soube da notícia do teatro?

Gilda: Foi uma coisa pavorosa, nem me lembro onde estava, ele já estava em decadência, era cinema e embaixo a caverna.

Gilda: A atividade artística em Ribeirão é muito mal paga, eu não vivo disso, quem vive pena! A gente resgatou o Pedro II porem o municipal e arena está acabando, o arena tem uma acústica maravilhosa mas está caindo.

Stephane: O que falta na questão da cultura além de investimento?

Gilda: Acho que falta a cultura mesmo nos nossos governantes, administradores. Eles não sabem o valor.

Gilda: Questão 1: Eu frequentava muito mais a praça 7 de Setembro porque era mais perto da minha casa, na praça 15 nós íamos sempre quando ia ao teatro e existiu um footing onde as damas, moças andavam a noite, naquele quarteirão em frente o arama, pinguim e o único hotel oram.

Olha o teatro Pedro II quando ele pegou fogo ele já estava em uma decadência muito grande, tinha grandes espetáculos, na parte inferior dele tinha bailes, a caverna, mas ele e um teatro de ópera, um teatro que tem um significado importantíssimo no mundo, você veja que no mundo todo não tem tantos teatros de ópera, no Brasil esse ai é o terceiro teatro de ópera. Eu na realidade não sei quantos teatros existem mas ele e o terceiro teatro do Brasil, ele que é o responsável por grandes espetáculos, das obras de ballet, de corais, de músicas, de orquestras sinfônicas. E em Ribeirão recebe grandes artistas porque tem o teatro Pedro II.

Questão 6: Ribeirão Preto significa tudo para mim, a minha trajetória musical começou em Ribeirão Preto eu me apresento desde muito moça, participava de todas as apresentações, as festividades da sociedade, toquei muito no teatro da PRA7, no salão Dom Alberto, salão da Cúria Metropolitana e no conservatório musical de Ribeirão, então significa tudo.

Olha eu sempre gostei de música, quando pequena ficava embevecida no colo do meu pai assistindo a minha mãe cantar, tocar piano, quando eu comecei a estudar logo logo já comecei a me apresentar, gostava de cantar em público, com 13 anos fiz um baile na fazenda do meu pai e tinha um outro sanfoneiro, nós dois fomos responsáveis pela música, a vizinhança toda dançou e quando eu fui estudar em São Paulo também a minha professora conversando com meu pai, ele disse que gostaria muito que eu fosse musicista e ai eu abracei a música mesmo, porque até então eu estava me preparando pro vestibular pois ia fazer medicina.

Concluindo nessa apresentação eu já fiquei muito triste de ver o estado em que estava a deterioração que estava o teatro, o toalete não tinha, para usarmos tínhamos que ir no teatro municipal.

Eu já me apresentei várias vezes no teatro de arena, mas em uma delas a mais marcante foi no aniversário de Ribeirão devia fazer uns 6 anos que eu toquei com minha banda, Eu, a Meire, o Carlito e o Deva e o Claudio no violino. Foi assim muito emocionante, muita gente e marcou esse dia.

Tenho muitas histórias no Teatro Pedro II, mas a marcante mesmo foram duas vezes, a primeira vez quando o teatro estava em escombro e que nós fomos fazer uma apresentação simbólica em cima do palco, o palco todo caído e quebrado, perigos até de cairmos, eu fui tocar com um quarteto de acordeon e a segunda vez foi quando ele foi coberto, protegido e eu me apresentei com a Meire, mas ali a não foi no palco, foi na área da plateia e que as pessoas começaram a ouvir música dentro do teatro e começaram a chegar e entrar, para mim foi emocionante. O Teatro Pedro II faz parte da minha trajetória musical.

A principal atividade da minha família, meus pais eram agricultores, eu nasci em Altinópolis e tínhamos uma fazenda lá, depois que ele trocou a fazenda por uma aqui em Jardinópolis e foi assim que cheguei até em Ribeirão Preto. A minha mãe era pianista, tocou piano na época do cinema mudo em Altinópolis, fazia sempre sarau em minha casa e cantava na igreja, as minhas irmãs uma foi bailarina e a outra professora, ela tocava piano.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ITAÚCULTURAL. **Memória oral como fonte de pesquisa para centros de documentação e memória**. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/memoria-oral-como-fonte-de-pesquisa-paracentrosde-documentacao-e-memoria. Acesso em: 30 abr. 2020.

JORNAL DA UNICAMP. **Memória individual e coletiva**. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-ecoletiva. Acesso em: 19 abr. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: livro-reportagem como extensão do jornalismo. São Paulo, SP: Editora Manole, 2009.

Oliveira, Priscila Natividade Dias Santos**. Jornalismo Literário: como o livroreportagem transforma um fato em história**. Salvador, BA: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

Rocha, Paula Melani; Xavier, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico**. São Paulo, SP: Revista Rumores, 2013.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel.Halbwachs: **memória coletiva e experiência**. Psicol. USP [online]. 1993, vol.4, n.1-2, pp. 285-298. ISSN 1678-5177.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-

18, may 2003. ISSN 2316-3852. Disponível em: <http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57>. Acesso em: 16 mar. 2020.